

APROPRIAÇÃO DA *GROUND*ED THEORY NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

*GROUND*ED THEORY APPROPRIATION IN LANGUAGE STUDIES

Alex Alves Egidio¹

Mestre em Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Londrina
(egido.alex.alves@gmail.com)

Clicy Anny de Oliveira Santos²

Mestre em Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Londrina
(clicyannydeoliveirasantos@gmail.com)

Silvia Regina Akiko Heshiki³

Mestra em Letras Estrangeiras Modernas
Universidade Estadual de Londrina
(silviaheshiki@uel.br)

*If the artist does not perfect a new vision in his process of doing,
he acts mechanically and repeats some old model fixed
like a blueprint in his mind*

John Dewey, Art as Experience, 1934, p. 50⁴

RESUMO: De natureza qualitativa, inserida nos Estudos da Linguagem e com foco no campo de métodos de pesquisa, este artigo centra-se no uso da *Grounded Theory* por pesquisadores da linguagem de determinado escopo acadêmico-regional. Assim, os propósitos deste relato são (i) descrever as fases de geração e ou coleta, preparação e codificação dos dados, bem como a escrita de memorandos e (ii) ilustrar a apropriação deste método por pesquisadores paranaenses dos Estudos da Linguagem. Em síntese, advoga-se pela necessidade de constante reflexão e ressignificação dos métodos adotados nessa área a fim de atender tanto questões metodológicas quanto sociais e éticas.

Palavras-chave: *Grounded Theory*. GT. Métodos. Metodologia. Teoria fundamentada em dados.

ABSTRACT: This article focuses on the use of *Grounded Theory* by Brazilian language researchers. It is inserted in the area of Language Studies therefore having a qualitative nature focused on the field of research methods. Thus, the purposes of this report are (i) to describe the phases of generation and / or data collection, preparation and coding, as well as the writing of memoranda and (ii) to illustrate the appropriation of this method by researchers from the Language Studies area of Paraná in Brazil. In summary, we advocate the need for constant

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro da American Educational Research Association (AERA) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora de inglês em instituto de línguas no Setor Privado.

⁴ Epígrafe do livro *Basics of Qualitative Research*, assinado por Anselm Strauss e Juliet Corbin (1998).

reflection and re-signification of the methods adopted in this area in order to address both methodological and social and ethical issues.

Keywords: Grounded Theory. GT. Method(s). Methodology.

Introdução

A construção de conhecimento em uma área de pesquisa é histórica, (in)constante e responde, de certo modo, a demandas sociais, científicas, dentre outras. Apesar de sua constância, tal área não nos parece desconexa daquelas que a precederam, mas, sim, nelas se basear, mesmo que em sua fase constitutiva. O uso da *Grounded Theory* (doravante, GT), originalmente adotada na área da Sociologia, pelos Estudos da Linguagem, é fenômeno que ilustra nossa posição. No entanto, uma vez que os métodos analíticos e as metodologias são transferidos de uma área de conhecimento para outra, eles são, conseqüentemente, ressignificados ao longo do tempo, o que acreditamos acontecer com a adoção da GT pelos Estudos da Linguagem.

Nesse sentido, nossos objetivos são tanto descritivos quanto ilustrativos, e constituem em: (i) descrever as fases de geração e ou coleta, preparação e codificação dos dados, bem como a escrita de memorandos e (ii) ilustrar a apropriação deste método por pesquisadores paranaenses dos Estudos da Linguagem. Em síntese, insistimos na necessidade de constante reflexão e ressignificação dos métodos adotados nesse escopo a fim de atender tanto questões metodológicas quanto sociais e éticas (REIS; EGIDO, 2017).

Este artigo é fruto de nossas reflexões iniciadas face à pouca ocorrência de trabalhos que abordem o uso da *Grounded Theory* nos estudos nos Estudos da Linguagem em nosso contexto. Além do mais, entendemos que a proposta deste relato pode dar alguma contribuição a novos pesquisadores da área, interessados em conduzir estudos que adotem métodos, que promovam a emergência de novas teorias em detrimento da ratificação de outras precedentes. Assim, dirigimos nosso relato, principalmente, a pesquisadores da linguagem preocupados com a construção de teorias, que respondam às presentes demandas sociais circundantes.

Após essa apresentação, em que situamos o panorama do qual este artigo é um recorte, apresentamos um histórico da proposta e desenvolvimento da GT. Em seguida, detemo-nos na descrição de três elementos centrais do método supracitado, a saber: coleta e ou geração dos dados, bem como a codificação e os memorandos.

A fim de ilustrar essas fases analíticas para o leitor, passamos à apresentação dos estudos paranaenses, que as adotaram. Por fim, tecemos considerações metodológicas e epistemológicas da GT como escopo de pesquisa.

Histórico

Antes de iniciarmos nossa apresentação da emergência e desenvolvimentos da GT, esclarecemos aos leitores nosso entendimento de que toda descrição histórica é parcial e representa uma das várias leituras possíveis da realidade. Charmaz (2006) relata que o método e ou metodologia (STRAUSS; CORBIN, 2008) da GT surgiu com a colaboração bem-sucedida entre os sociólogos Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss (1965 *apud* CHARMAZ, 2006; 1967), durante seus estudos sobre pacientes terminais em hospitais americanos. Eles descrevem que, no início dos anos 60, os funcionários de hospitais raramente falavam ou reconheciam que lidavam com pacientes gravemente doentes ou em estado terminal. Os autores explicam que, ao construir suas análises sobre a morte, desenvolveram estratégias metodológicas sistemáticas, que os cientistas sociais poderiam adotar para estudar outros tópicos. O livro *The Discovery of Grounded Theory* (GLASER; STRAUSS, 1967) tornou-se um marco no assunto.

Em seu livro, Glaser e Strauss (2006) explicam que, até o final dos anos de 1960, a maioria dos trabalhos sobre métodos sociológicos preocupava-se com a precisão de como os fatos eram obtidos e, conseqüentemente, como uma teoria poderia ser testada. Como relata Charmaz (2006), havia crenças em um método unitário de observação sistemática, experimentos replicáveis, definições operacionais de conceitos, hipóteses logicamente deduzidas e evidências confirmadas, que eram, muitas vezes, tomadas como o único método científico, formavam as suposições que sustentavam os métodos quantitativos.

Glaser e Strauss (2006) argumentam que a tarefa de gerar e ou construir uma teoria de dados obtidos sistematicamente e analisados em pesquisas sociais pode ser aprofundada. Como explicam Cohen, Manion e Morrison (2006), na pesquisa positivista, a teoria pré-existe e o pesquisador deduz dos dados se ela é robusta e pode ser confirmada ou refutada. Eles argumentam, ainda, que os dados são "forçados" para um ajuste com a teoria e esclarecem que, na GT o processo é, por sua vez, diferente; inicia com os dados, que o pesquisador analisa e revisa para possibilitar a construção de uma teoria.

Em linhas gerais, a GT emerge em uma área do conhecimento que, até a década de 60, principalmente, era orientada por um método analítico ainda muito próximo ao paradigma quantitativo de pesquisa. Assim, notamos uma mudança analítica na área da Sociologia, que depois viria influenciar os Estudos da Linguagem.

Elementos da *Grounded Theory* (Gt)

Antes de abordar os elementos da GT, gostaríamos de esclarecer que ela foi se modificando ao longo do tempo. A esse respeito, citamos a existência de três vertentes: a glaseriana, a straussiana e a construtivista. Não abordaremos cada uma com detalhes, já que Senefonte e Reis (no prelo) o fazem em seu artigo. Entretanto, compartilhamos o quadro por eles elaborado, por acreditarmos que eles contribuem para a compreensão da evolução da GT.

	Pós-positivismo		Construtivismo
Vertente	<i>Glaseriana</i> (GLASER, 1992; GLASER; HOLTON, 2004)	<i>Straussiana</i> (STRAUSS; CORBIN, 1990; 1998)	<i>Construtivista</i> (CHARMAZ, 2006)
Ontologia	realismo crítico		relativista (pragmática)
Epistemologia	Realista/objetivista (os resultados são “descobertos”)		subjetiva/ contextual

Quadro 1: Vertentes de *Grounded Theory* e paradigmas beneficiados
Fonte: Senefonte e Reis (no prelo).

Assim, ao longo de nosso artigo, usamos termos referentes à determinada vertente, em razão de sua epistemologia. Sugerimos ao leitor que, ao se defrontar com algum termo relacionado à determinada epistemologia, observe o Quadro 1.

A *Grounded Theory* é entendida como método e ou metodologia. Bryant e Charmaz (2006) explicam a diferença que veem entre os termos GTM (*Grounded Theory Method*) e GT. Para os autores, GTM refere-se ao método e GT, ao resultado pelo uso do método (p. 3). Nesse sentido, Charmaz (2006, p. 2) explica que os métodos da GT consistem em diretrizes sistemáticas, mas flexíveis, para coletar e ou gerar e analisar dados qualitativos para construir teorias “fundamentadas” nos próprios dados. Charmaz (2006) lembra que são os dados que formam a base da teoria e a análise deles gera os conceitos que serão construídos.

Glaser e Strauss (1967 *apud* COHEN; MANION; MORRISON, 2006, p. 598) “rejeitam a simples causalidade linear e argumentam que o mundo que os participantes habitam é multivalente, multivariado e conectado.” Eles explicam que,

na vida cotidiana, as pessoas fazem conexões naturalmente e que os pesquisadores têm de levar em consideração essa interconexão de ações. A GT capta o elemento naturalístico da pesquisa e o formula em uma metodologia sistemática. Portanto, corresponde a um método condizente com as ações das pessoas, considerando as inconsistências, contradições, descontinuidades e relações entre elas.

Moghaddam (2006) declara que a GT é um conjunto de relações entre dados e categorias, que propõe uma explicação plausível e sensata do fenômeno em estudo, isto é, consiste em um método ou conjunto de procedimentos para a geração de teoria e para a produção de um certo tipo de conhecimento.

A respeito das definições da GT, Cohen, Manion e Morrison (2006, p. 598) acrescentam algumas características existentes na literatura:

- A teoria é gerada e não pré-definida e testada;
- A teoria é proveniente dos dados e não o contrário;
- A geração da teoria é uma consequência da coleta e análise sistemática dos dados;
- Padrões e teorias estão implícitos nos dados, esperando para serem gerados;
- É indutiva e dedutiva, reiterada (iterativa) e próxima aos dados que a geram.

Como a teoria não é predeterminada, Cohen, Manion e Morrison (2006) sustentam que o papel da pré-leitura (i.e., revisões de literatura para gerar problemas para a pesquisa) não é tão significativa como o é em outros tipos de pesquisa. Eles alertam que usar revisões de literatura para gerar problemas, pode ser perigoso, pois pode, preliminarmente, determinar o que se vê nos dados, ou seja, pode levar à leitura tendenciosa dos dados. Desse modo, os autores consideram que a leitura - durante a pesquisa e antes da análise de dados - deve ser ampla, dentro e fora da área pretendida, ao invés de limitada a uma direção específica.

Coleta e/ou geração de dados

Conforme explicamos anteriormente, na GT a teoria emerge da análise dos dados. Ao ver de Charmaz (2006, p. 14), dados robustos trarão material sólido para construir uma análise significativa. Ela explica que os dados são detalhados, focados e completos e revelam pontos de vista, sentimentos, intenções e ações dos participantes, bem como os contextos e estruturas de sua vida. Dessa forma, estes

devem ser ricos em conteúdo a fim de proporcionar aos pesquisadores informações suficientes para que eles construam uma teoria.

Charmaz (2006) explica ainda que a GT pode ser construída com diversos tipos de dados, por exemplo, com notas de campo, entrevistas, informações em registros e relatórios. Além desses instrumentos de coleta e geração de dados, mencionamos questionários de respostas dissertativas (DORNYEI, 2007). Charmaz (2006) destaca que, muitas vezes, os pesquisadores reúnem vários tipos de dados em estudos baseados na GT e podem invocar estratégias variadas de coleta e ou de geração de dados (e.g. entrevistas semiestruturadas, questionários, observações e gravações de aula, entre outros).

Para Charmaz (2006), a flexibilidade da pesquisa qualitativa permite que sigamos, de modo coerente com nossas orientações ontológicas e epistemológicas, os caminhos que vão surgindo. As fases da GT aumentam essa flexibilidade e, simultaneamente, oferecem mais abertura interpretativa do que outros métodos analíticos, que vão em busca de categorias apriorísticas. Se bem utilizada, a GT pode aumentar a celeridade com que pesquisadores chegam às suas instâncias analíticas, sem sacrificar os detalhes do cenário em questão.

Como a GT deixa de lado ideias preconcebidas, permitindo que os pesquisadores deem origem à teoria com base nos dados, Cohen, Manion e Morrison (2006, p. 599) citam algumas posturas que são requeridas dos pesquisadores:

- Tolerância e abertura aos dados e ao que estiver sendo gerado ou construído;
- Tolerância à confusão e regressão/retorno (quando a teoria não se torna imediatamente óbvia);
- Resistência à formulação prematura da teoria;
- Habilidade de prestar atenção aos dados;
- Disposição de se engajar no processo de geração de teoria e não de testá-la;
- Habilidade de trabalhar com categorias emergentes e não com categorias pré-concebidas ou recebidas.

Anteriormente à fase de codificação dos dados, em que os pesquisadores criam as primeiras instâncias analíticas, sugerimos a preparação e a padronização

dos dados, sejam coletados ou gerados. Caso os pesquisadores adotem entrevista semiestruturada como instrumento de geração de dados, por exemplo, será necessário transcrever as interações, bem como enumerar as linhas e ou os turnos de fala. Observadas as características próprias de cada geração e coleta dos dados, passamos à fase de codificação.

Codificação dos dados

Feita a coleta ou a geração dos dados, os pesquisadores passam à sua codificação. Given (2008) esclarece que a codificação inicial visa a perguntar o que está acontecendo nos dados e traz rótulos analíticos curtos, que podem ser temporários, na forma de gerúndios ou substantivos, para identificar processos específicos e tratá-los teoricamente em uma fase posterior. Ela explica que, desde o início a codificação da teoria fundamentada difere, então, da maioria dos tipos de codificação qualitativa, que se baseiam em tópicos estáticos apriorísticos e de características gerais. Após os pesquisadores definirem um conjunto de categorias provisórias, eles as usam para comparar, classificar e sintetizar os dados.

Devemos ter cautela para não nomear nossa pesquisa como *Grounded Theory*, a menos que existam dois critérios básicos: (a) a análise de dados segue o sistema de codificação sequencial específico defendido pela GT, e (b) a análise produz alguma teoria como resultado da investigação.

O aspecto distintivo da GT é a divisão entre as fases de codificação de dados, que ocorre em 3 níveis:

- 1) Abordar os dados em excertos e atribuir categorias conceituais a esses segmentos;
- 2) Identificar relações entre essas categorias (codificação axial);
- 3) Explicar essas relações em um nível mais elevado de abstração (codificação seletiva).

Apesar dessa fase de codificação acontecer em um contínuo, os pesquisadores constroem **memorandos**, que discutimos na subseção seguinte.

Memorandos

Given (2008) explica que, ao longo desse processo analítico, os pesquisadores escrevem memorandos para suas categorias, identificando as

propriedades, as condições sob as quais as categorias surgem e comparando-as com dados específicos e outras categorias, também. Ademais, a autora informa que a escrita de memorandos (a) envolve pesquisadores com seus dados e análises comparativas emergentes, (b) ajuda-os a identificar lacunas analíticas, (c) fornece material para seções de artigos e capítulos e (d) encoraja os pesquisadores a registrar e desenvolver suas ideias em cada etapa do projeto de pesquisa. Por fim, Given (2008) aponta que, ao escrever sucessivamente mais memorandos analíticos, os pesquisadores elevam o nível teórico de seu trabalho.

Grounded Theory nos estudos da linguagem: Ilustrações e ressignificações da teoria

Nesta seção, focamo-nos em resultados de buscas de dissertações de mestrado e teses de doutorado a fim de ilustrar (i) formatos e extensões de coletas e gerações de dados, (ii) fases de preparação, análise e redação e (iii) possibilidades epistemológicas e o que as torna possíveis.

Buscas e critérios de seleção de relatos de pesquisa

Nesta subseção, centramo-nos nos resultados das buscas por pesquisas paranaenses, *stricto sensu*, que adotaram a GT, ora como método, ora como metodologia, ou ambos. As informações que dispomos no Quadro 2 são resultados de buscas realizadas entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019. Na ocasião, acessamos bibliotecas digitais de 11 instituições de nível superior do Paraná e utilizamos os seguintes termos de busca: “groundedtheory” e “teoria fundamentada em dados”.

IES - PR	Áreas do conhecimento (CNPq)						
	Ciências exatas	Ciências biológicas	Ciências da saúde	Ciências agrárias	Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Humanas	Linguística, Letras e Artes
UEL	0	0	0	0	0	1	6
UEM	8	0	9	0	7	0	1
UNESPAR	0	0	0	0	0	0	0
UNICEN	0	0	0	0	0	0	0

TRO							
UNIOESTE	0	0	1	0	1	1	0
UENP	0	0	0	0	0	0	0
UEPG	0	0	0	0	0	2	0
UFPR	3	9	3	0	0	9	0
PUC / PR	1	0	0	0	0	4	0
UNOPAR	0	0	0	0	0	0	0
UTFPR	1	1	0	0	0	0	0

Quadro 2: Resultados das buscas nos repositórios das instituições de ensino superior do Paraná

Fonte: Elaborado pelos autores

Notamos pelo Quadro 2 que apenas em duas instituições há o uso da GT na área de Linguística, Letras e Artes, a saber: UEL e UEM. Em cinco outras instituições, o método e ou metodologia supracitado é utilizado em pesquisas de outras áreas e em quatro instituições não há registro de sua adoção.

Formatos de coletas e gerações (e extensões) de dados

Na seção anterior, tratamos das buscas e critérios utilizados neste estudo. Nesta subseção, abordamos a coleta e a geração de dados. Esclarecemos que a referência da Biblioteca Digital da UEM, ilustrada no Quadro 2, não constitui trabalho em Estudos da Linguagem, nosso interesse neste artigo, e não será, portanto, aqui analisada. A pesquisa realizada no *site* da Biblioteca Digital da UEL para o termo de busca “*Grounded Theory*” possibilitou visualizar 22 referências de teses e dissertações em Estudos da Linguagem. Contudo, ao analisarmos cada um desses trabalhos, verificamos que somente seis deles utilizam, de fato, a GT como método e ou metodologia de pesquisa, os quais: três dissertações de mestrado (CORADIM, 2008; SENE FONTE, 2014; ESPURI, 2017) e três teses de doutorado (CORADIM, 2015; CHIMENTÃO, 2016; D’ALMAS, 2016). Com exceção da dissertação de Espuri (2017), nos demais trabalhos os participantes são professores ou alunos-professores de língua inglesa. Passamos à apresentação das investigações supracitadas.

Em sua pesquisa de mestrado, Coradim (2008) teve como participantes duas professoras no contexto de uma escola pública situada no câmpus da UEM. A

pesquisadora gerou os dados por meio de dois instrumentos, nomeadamente: (i) entrevista semiestruturada e atividade didática, aquela, com extensão de 20 páginas, ocorreu uma vez com cada participante e essa, com extensão de 3 páginas, foi composta das produções didáticas das professoras-participantes. Atividades didáticas de leitura realizadas pelas participantes, transcritas e demonstradas em 18 páginas.

Senefonte (2014) utilizou questionário e entrevista semiestruturada como instrumentos de geração de dados. Ambos compartilhavam do objetivo de compreender o conhecimento e as percepções das participantes sobre o uso de gírias em sala de aula de língua inglesa. O pesquisador contou com a participação de quatro professoras do ensino médio de escolas públicas do estado do Paraná. Após acoplados e transcritos, os dados passaram a ter extensão de 13 páginas.

Espuri (2017) adotou tanto processos de geração quanto de coleta de dados. Os dados coletados pelo linguista aplicado correspondem a textos oficiais e postagens em redes sociais, ao passo que os dados gerados são oriundos de questionários *online*, respondidos por docentes de várias disciplinas, e entrevistas semiestruturadas, conduzidas com docentes de língua inglesa. O propósito de seu estudo era conhecer e entender as percepções dos professores-participantes sobre a inserção do tablete educacional nas escolas públicas do estado do Paraná. Apesar de não mencionar, em seu relato de pesquisa, a extensão de seus dados, o pesquisador informa que participaram do projeto 225 professores na fase de geração de dados, ao responderem questionário e outros 10 professores, ao participarem de entrevista semiestruturada.

Coradim (2015) centrou seu estudo na cognição de duas alunas-professoras de língua inglesa em estágio de docência. A pesquisadora gerou seus dados por meio de um modelo de pesquisa-ação, durante o estágio supervisionado das participantes em uma escola pública. Os dados, cuja extensão corresponde a 82 páginas, são originários de gravação e são referentes às orientações pré-aula e pós-aula e à textos escritos redigidos sobre observações de aulas, pela professora-supervisora, e sobre diários reflexivos, escritos pelas participantes.

Em sua pesquisa de doutorado, Chimentão (2016) utilizou como um instrumento de geração de dados uma entrevista semiestruturada, cuja extensão foi de 53 páginas. A autora empregou o método emancipatório de geração de dados, cujo conhecimento se constrói nas relações interpessoais e na qual a simetria de poder entre pesquisador e participante é diminuída. Ademais, os participantes tiveram papel

ativo na construção do roteiro de perguntas das entrevistas semiestruturadas e, também, na condução delas.

O mesmo instrumento foi usado por D'Almas (2016) em sua pesquisa de doutorado. A pesquisadora convidou três professoras da rede pública paranaense, que participaram de um programa de formação continuada em 2007 e 2008. Ao analisar seus dados, com extensão de 72 páginas, a linguista aplicada notou mudanças positivas graças à aprendizagem de conteúdos críticos no programa em questão.

Em linhas gerais, notamos que, apesar de expoentes da GT indicarem a extensão de dados como característica dela, não há uma quantidade exata de dados necessários. Baseamos nossa afirmação na diversidade de números totais de páginas dos estudos que relatamos anteriormente, que variam de 13 a 82. Desse modo, entendemos que é necessária uma quantidade de dados para possibilitar construir e fundamentar uma teoria. Para tanto, entendemos que os instrumentos de geração de dados são pilotados e adequados, se necessário, antes da sua geração definitiva com os participantes.

Fases de preparação, análise e redação

Abordamos acima os formatos de coleta e geração, bem como a extensão de dados usados por estudos que adotam a GT como método e ou metodologia. Nesta subseção, voltamos nossos olhares para as fases de preparação dos dados, sua análise e redação.

Coradim (2008) desenvolveu a preparação e análise dos dados, buscando, primeiramente, os temas recorrentes na transcrição de uma entrevista, criando uma matriz de forma indutiva, a qual ela aplicou, dedutivamente, na transcrição de outra entrevista. As matrizes foram, então, justapostas para a identificação de características comuns dos dados. Após a fase analítica, a pesquisadora conduziu o processo de triangulação por **Instrumentos humanos** (REIS, 2008), com o objetivo de confirmar ou adequar suas interpretações analíticas.

Assim como Coradim (2008), Senefonte (2014) também adotou a cognição como unidade de análise e o processo da triangulação para validação, confiabilidade e credibilidade das interpretações. O autor descreveu os passos de categorização (microanálise) e codificação (aberta, axial e seletiva) dos dados. Seguindo as etapas do método da GT, o linguista aplicado reduziu os temas em categorias, por meio de

minuciosa análise feita linha a linha. Em seguida, buscou a “identificação das categorias com suas propriedades e dimensões” (SENEFONTE, 2014, p. 65). Na sequência, o pesquisador desenvolveu quadros analíticos para uma visualização mais ampla dos conceitos e dimensões propostos. Por fim, desenvolveu e refinou a teoria, por meio da síntese de ligação entre as categorias e as dimensões finais.

Em sua dissertação, Espuri (2017) procedeu à separação, à organização e à sintetização dos dados, criando os códigos formais à medida que comparava e relia, longitudinalmente, o *corpus*. Nessa fase de codificação inicial, as análises conduzidas pelo pesquisador apontam o desinteresse das discentes-participantes quanto ao uso das tecnologias de informação. Em seguida, o pesquisador utilizou anotações feitas durante as entrevistas para lhe auxiliar a identificar os principais pontos de conflito e de similaridade entre as transcrições, procedendo, desse modo, à fase de categorização, a qual ele dividiu em três eixos, nomeadamente: a) constrangimentos no uso do tablete educacional; b) alternativas e c) questionamentos da política (ESPURI, 2017, p. 54). O autor explicou que as categorias analíticas foram, então, articuladas com estudos prévios sobre o assunto e com a literatura, para sua fundamentação a partir da análise dos dados.

Em seu estudo de doutorado, fundamentado nos princípios da pesquisa-ação, Coradim (2015) adotou a cognição como unidade de análise e a GT como método e metodologia. A autora reafirmou e completou as fases da análise dos dados descritas na sua dissertação (CORADIM, 2008) em 5 etapas: a) interação com o corpus; b) codificação; c) memorandos; d) codificação axial; e e) teoria fundamentada nos dados (CORADIM, 2015, p. 136). Recorreu a Strauss e a Corbin (1998), para explicar que a etapa da teoria fundamentada nos dados corresponde a uma narrativa descritiva sobre o fenômeno central da investigação. No intuito de facilitar a criação das matrizes analíticas, ela lançou mão de cores diferentes para destacar os excertos que constituem as matrizes e tornar mais compreensível a criação e leitura das mesmas. Com base na codificação axial, a pesquisadora agrupou as categorias: ação, consciência e conhecimento (CORADIM, 2015, p. 138), para expressar o que ela interpretou dos dados sobre as práticas e atividades das alunas-professoras durante seu trabalho. Para complementar a análise, Coradim adotou a Análise Paradigmática e Sintagmática (doravante, APS) (REIS, 2018) a fim de didatizar alguns procedimentos da GT, por meio de conceitos linguísticos facilitadores para a compreensão das fases de análise, assim como por considerar vozes marginais nos

procedimentos de pesquisa. O relato da pesquisa se estrutura em asserções analíticas, excertos ilustrativos, numeração de linhas dos excertos, síntese dos resultados e quadros sinóticos.

Tendo a cognição por unidade de análise, Chimentão (2016) descreveu as fases da GT que realizou para a análise dos dados, os quais dizem respeito às transcrições das entrevistas semiestruturadas das professoras e alunos-professores de instituição pública de ensino. Primeiramente, a linguista aplicada realizou a leitura do *corpus* do início ao fim, para se familiarizar com seu conteúdo. Então, ela analisou as respostas de todos os participantes a cada pergunta do roteiro da entrevista e atribuiu, gradualmente, conceitos e categorias aos trechos das questões ao explorar todas as respostas. Nessa etapa, ela elaborou quadros analíticos com base em memorandos, diagramas e anotações feitos durante a geração de dados.

A proponente da investigação explicou, por fim, que refinou as categorias por meio de ajustes nos quadros analíticos, compostos por temas, categorias, subcategorias, participantes e excertos. Em seguida, revisou as análises até o esgotamento de possibilidades de categorização, para, somente depois, iniciar a codificação axial, isto é, as relações entre as categorias e as subcategorias. Neste momento, a pesquisadora percebeu que algumas categorias se relacionavam a conceitos mais amplos, possibilitando a formação de novos conceitos.

Assim como Coradim (2015), Chimentão (2016) destacou as categorias e subcategorias que compuseram cada dimensão em cores distintas para facilitar a leitura e análise. Na teorização, a última e mais abstrata etapa, ela buscou “fazer afirmações fundamentadas no exame exaustivo dos dados, por meio da identificação do fenômeno central ao qual todos os conceitos se relacionavam” (CHIMENTÃO, 2016, p. 155). Além do uso da GT, a análise foi seguida por princípios e fases da APS (REIS, 2018).

Ela não apenas informou que seu estudo lança mão da GT, D’Almas (2016) também especificou aos seus leitores que adotou a perspectiva construtivista de Charmaz (2006), pois, além de seguir as etapas que caracterizam a GT como um todo também pretende “analisar sentimentos, valores, crenças, visões, ideologias e suposições” (D’ALMAS, 2016, p. 113) dos envolvidos em seu estudo. Assim como nos outros estudos que aqui analisamos, a autora também iniciou sua análise pela separação, classificação e síntese dos dados, ao mesmo tempo que realizou anotações e comparações preliminares, que se tornaram memorandos.

Paralelamente, a linguista aplicada criou categorias e subcategorias analíticas, decorrentes de sua relação direta com os dados, no caso, excertos das entrevistas semiestruturadas.

Após leitura e análise exaustivas, a autora procedeu à definição de uma categoria central que descrevesse o principal fenômeno da pesquisa. Após esses procedimentos, ela pôde identificar qual teoria se aplicava melhor à pesquisa. Como se tratava de uma pesquisa sobre letramento crítico, D'Almas (2016) identificou outros fatores que se referem ao tema para delinear a teoria. No relato da pesquisa, ela informou que recorreu aos seus poderes construcionistas sociais, já que todas as afirmações são oriundas de suas interpretações subjetivas.

Em linhas gerais, os proponentes das investigações adotam, de modo similar, as fases analíticas propostas pela GT. Contudo, suas análises são distintas e cada pesquisador recorre a recursos, em sua maioria visuais (e.g. CORADIM, 2015; CHIMENTÃO, 2016), para facilidade na interpretação dos dados e compreensão analítica dos leitores.

Possibilidades epistemológicas e o que as torna possíveis

Nesta subseção, diferentemente das anteriores, em que nos detivemos em traços próprios da GT, apresentamos e discutimos questões epistemológicas relativas às pesquisas em foco.

Chimentão (2016) explicitou que seu estudo foi conduzido e interpretado sob a ótica da epistemologia construcionista social, em que o conhecimento é transacional e subjetivista (LINCOLN; GUBA, 2006). A pesquisadora justificou tal epistemologia não só por entender o conhecimento como fruto das construções múltiplas por ela feitas "[...] a partir das histórias construídas pelos participantes ao tentarem explicar e fazer sentido de suas experiências" (CHIMENTÃO, 2016, p. 121), mas também por serem os resultados de sua pesquisa co-construídos e apresentarem tanto as percepções dos participantes, que estão expressas nos dados, quanto às suas na condição de pesquisadora. Além do mais, ela (CHIMENTÃO, 2016, p. 121) complementou que "as interpretações e o conhecimento são construções subjetivas decorrentes da interação entre o investigador e o objeto de investigação", esclarecendo que o conhecimento é proveniente da relação entre pessoas e contextos, sendo um modificador do outro.

Assim como Chimentão (2016), D'Almas (2015) também informou ter orientado seu estudo por princípios epistemológicos construcionistas sociais. Ao fazê-lo, também reconheceu, outrossim, a efetiva contribuição de seus participantes na produção do conhecimento, resultado final de sua investigação. Em linhas gerais, em ambas as pesquisas o conhecimento é **construído**, sob a perspectiva da epistemologia construcionista social, em detrimento de ser *descoberto*, como sendo um fenômeno estático e distante do(a) pesquisador(a).

Outra epistemologia adotada foi a interpretativista, enunciada por Senefonte (2014). Nesta, o conhecimento também é resultante de interações sociais entre o pesquisador e os participantes. No entanto, o acento dado às vozes dos participantes é, de certo modo, cerceado, uma vez que o conhecimento é desvendado pelo pesquisador. Este tem acesso ao pensamento dos participantes, consegue ver o mundo com as lentes deles em razão da constante interação.

Similar ao estudo de Senefonte (2014) é o de Coradim (2008), o qual também adotou epistemologia interpretativista, apesar de ela não o ter explicitado. Deduzimos a escolha epistemológica da pesquisadora, não só pelo modo como conduziu seu estudo e a divisão de poderes entre os atores sociais envolvidos, mas, também, pelo seu uso da linguagem no capítulo analítico, em que adota a terceira pessoa do singular (e.g. páginas 52 e 57). Essa escolha epistemológica implícita em sua pesquisa de mestrado passou a ser explícita em seu estudo de doutorado (CORADIM, 2015).

Espuri (2017), assim como o fez Coradim (2008), também não especifica sua escolha epistemológica. Entretanto, podemos deduzi-la em razão de como o pesquisador conduz a descrição de seu estudo, suas escolhas lexicais (e.g. uso de primeira pessoa do plural) e as formas de poder relatadas entre o pesquisador e os participantes envolvidos. Primeiramente, ao descrever os objetivos de sua pesquisa, Espuri (2006, p. 50) enunciou que "[...] esse trabalho propõe identificar aspectos presentes nas entrevistas das participantes que possam responder às nossas perguntas de pesquisa.". Mais adiante, ao minuciar tais objetivos, informou que "[...] tentamos compreender a política dos *tablets* a partir de percepções por **nós interpretadas** (grifo nosso) [...]" (ESPURI, 2017, p. 51). O pesquisador também mencionou ter apresentado os primeiros dados aos colegas do grupo de estudos do qual fazia parte e enfatiza "[...] temos plena consciência de que essas interpretações são nossas" (ESPURI, 2017, p. 53).

Por meio desses três excertos, concluímos que o conhecimento é produzido somente pelo pesquisador, não há referências à indícios de atuação dos participantes, exceto por suas respostas ao questionário e às perguntas da entrevista, ambos os instrumentos propostos pelo pesquisador. Além do mais, o pesquisador não relatou ter conduzido nem a devolutiva nem o retorno com os dados e ou as análises aos participantes para que eles tivessem ciência e participassem da edição deles (EGIDO, 2019). por isso, deduzimos que esse estudo fez uso da epistemologia interpretativista.

Em síntese, constatamos duas escolhas epistemológicas recorrentes nos relatos de pesquisa que analisamos, a saber: a interpretativista e a construcionista social. Os estudos que adotaram a primeira (viz. CORADIM, 2008; 2015; SENEFONTE, 2014) são característicos por analisarem os dados somente de acordo com a GT, ao passo que os que se ativeram à segunda epistemologia (i.e. a construcionista social) (viz. CHIMENTÃO, 2016; D'ALMAS, 2015), avançaram em suas análises por usarem também outro método analítico (i.e. APS).

Considerações finais

Neste artigo, tivemos como propósitos (i) descrever as fases de geração e ou coleta, preparação e codificação dos dados, além da escrita de memorandos e (ii) ilustrar a apropriação deste método por pesquisadores paranaenses da área dos Estudos da Linguagem. Com o fito de contribuir com outras pesquisas, principalmente na área de Estudos da Linguagem, cuja finalidade é a adoção de métodos que viabilizem novas teorias ao invés de apenas ratificar as anteriores. Tratamos assim da Grounded Theory (GT), também conhecida como Teoria Fundamentada em dados.

Primeiramente, elaboramos um breve histórico do surgimento e desenvolvimentos da GT, ao citarmos seu início com Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss (1965; 1967) no início dos anos 1960. Abordamos, a seguir, entendimentos mais contemporâneos como os de Glaser e de Strauss (2006), de Charmaz (2006) e de Bryant e de Charmaz (2007). Notamos, assim, que a GT era, no seu início, orientada por um método analítico, muito próximo ao paradigma quantitativo de pesquisa e que, com o seu desenvolvimento e maior adoção na área da Sociologia e, posteriormente, nos Estudos da Linguagem, passou a ser qualitativo.

Senefonte e Reis (no prelo) em estudo mais detalhado da evolução da GT denota a existência de três vertentes: a glaseriana, a straussiana e a construtivista, de acordo com os paradigmas nos quais se baseiam. A GT é entendida ora como

método, ora como metodologia, ou ambos. Para Bryant e Charmaz (2006) a GTM (Grounded Theory Method) consiste em procedimentos sistemáticos, mas flexíveis, para coletar e ou gerar e analisar dados qualitativos enquanto que a GT refere-se ao resultado pelo uso do método.

Na GT, por não ser a teoria pré-determinada, a revisão de literatura para geração de perguntas de pesquisa não se dá como em outros tipos de pesquisa. Cohen, Manion e Morrison (2006) advertem que a pré-leitura, no caso da adoção da GT, pode levar à leitura tendenciosa do que se vê nos dados, já que tendem a determiná-la prematuramente. Os autores sugerem que a leitura, durante a pesquisa e antes da análise de dados, deva ser ampla, dentro e fora da área pretendida, ao invés de limitada a uma direção específica, pois a análise dos dados determinará como será a fundamentação teórica.

No que diz respeito à adoção da GT em pesquisas inseridas nos Estudos da Linguagem, notamos, em nossa investigação documental, que tal método é ressignificado pelos autores dos estudos. A título de exemplo, mencionamos o entendimento de cada pesquisador sobre a extensão de dados, que variou, em cada relato analisado, de 13 a 82 páginas. Na fase analítica, os pesquisadores da linguagem comungam da adoção das fases propostas pelos expoentes da GT, ao passo que alguns (e.g. CORADIM, 2015; CHIMENTÃO, 2016) também adotam recursos visuais com o propósito de facilitar tanto a análise quanto sua leitura posterior por terceiros.

Por fim, as posturas epistemológicas adotadas são outro traço que denota a flexibilidade do uso da GT nos Estudos da Linguagem. Nos relatos de pesquisa que analisamos duas epistemologias foram, particularmente, enunciadas: a interpretativista e a construcionista social. Apesar de nosso foco não recair em questões voltadas às bases para a construção do conhecimento, constatamos o crescente número de estudos que consideram as vozes dos participantes e de outros em várias fases da pesquisa, traço que tem sido marcado, principalmente, em pesquisas orientadas pelo construcionismo social (e.g. CHIMENTÃO, 2016; D'ALMAS, 2015).

No entanto, esclarecemos aos leitores que a consideração dessas vozes (marginais) não é característica principal da GT, mas, sim, da APS (REIS, 2018), método que se vale de alguns aspectos daquela, sendo o principal traço que os

distingue justamente a consideração às vozes dos participantes pouco recorrentes nos dados ou de terceiros (e.g. membros da comunidade acadêmica), por exemplo.

Para encerrar, estendemos o convite a pesquisadores, iniciantes ou experientes, da linguagem a utilizarem a GT em seus estudos para o aprimoramento do método e, principalmente, a fim de contribuir para a geração de teorias historicamente situadas e próximas dos participantes, aqueles que idealmente devem beneficiar-se do conhecimento construído por seu engajamento.

Referências

BRYANT, A.; CHARMAZ, K. Introduction: Grounded Theory Research: Methods and Practices. In: **The Sage Handbook of Grounded Theory**. New York. Sage Publications, 2007. p. 1-28.

CHARMAZ, K. **Constructing Grounded Theory - A Practical Guide Through Qualitative Analysis**. London: Sage Publications, 2006.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. **Research methods in education**. New York: Routledge, 2011.

CHIMENTÃO, L. K. **Entre quatro binários: um estudo sobre desenvolvimento profissional docente**. 357fls. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

CORADIM, J. N. **Leitura crítica e Letramento crítico: idealizações, desejos e (im)possibilidades**. 2008. 130fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

D'ALMAS, J. **Da passividade à agência: desenvolvimento de professoras como resultado de empoderamento**. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

DORNYEI, Z. Qualitative data collection. In: _____. **Research Methods in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 95 - 123.

EGIDO, A. A. **O eu e o Outro: uma breve história da ética em pesquisa em Linguística Aplicada**. 2019. 353fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ESPURI, P. H. **A política do tablete educacional no ensino de inglês em escolas públicas do estado do Paraná**. 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GIVEN, L. M. **The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods**. Estados Unidos: Sage Publications Inc, 2008.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of the grounded theory**. Chicago, IL: Aldane. 1967.

____. **The discovery of the grounded theory**. Chicago, IL: Aldane. 2006.

MOGHADDAM, A. **Coding issues in grounded theory**. *Issues in Educational Research*. vol 16, n. 1, p. 52-66. Acessado em 28 de julho de 2006, de <www.iier.org.au/iier16/moghaddam.html>.

REIS, S.; EGIDO, A. A. Ontologia, epistemologia e ética como determinantes metodológicos em Estudos da Linguagem. In: REIS, S. (Org.). **História, Políticas e Ética na área profissional da Linguagem**. Londrina, PR: EDUEL, 2017, p. 227 - 250.

REIS, S. Análise Paradigmática e Sintagmática em Pesquisa Qualitativa com Dados de Linguagem Humana. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 2, 2018, p. 147 - 171.

____. Triangulação em pesquisa qualitativa: consistência, divergência, alternatividade e causas. In: DURÃO, A. B. A. B.; ANDRADE, O. G.; REIS, S. (Org). **Reflexões sobre o Ensino de Línguas Estrangeiras**. Londrina, PR: EDUEL, 2008, p. 85-106.

SENEFONTE, F. H. R. **Puro x Impuro / Sagrado x Profano**: Percepções de professores sobre gírias nas aulas de inglês. 2014. 171fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem).- Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SENEFONTE, F. H. R.; REIS, S. Grounded Theory em Estudos da Linguagem (no prelo).

STRAUSS, J; CORBIN, A. **Basics of Qualitative Research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 3ed. Estados Unidos: Sage, 2008, p. 490.

Recebido em 22 de abril de 2019
Aprovado em 12 de outubro de 2019